

O arquivo pessoal do professor Walter Fernando Piazza: honrarias de um educador catarinense¹

The personal archive of Professor Walter Fernando Piazza: honors of an educator from Santa Catarina

Vinícius Bosignari,² UFSC

Resumo

Os Arquivos Pessoais de professores oportunizam compreender as práticas docentes e o contexto educacional em uma determinada época e local. Nessa perspectiva, tivemos como finalidade pesquisar o acervo do historiador e educador catarinense, Walter Fernando Piazza, sobretudo, os objetos que compõem as suas “honrarias”. Para a construção deste trabalho utilizamos da literatura específica sobre “Arquivos Pessoais” e “Fontes Materiais”. Como resultado, conseguimos quantificar os “tipos documentais”; as origens dos objetos, isto é, se proveniente do âmbito acadêmico, político, militar ou religioso; e por fim, os períodos em que o titular recebeu mais e menos honrarias.

Palavras-chave: Arquivo Pessoal; Walter Fernando Piazza; Honrarias; Fontes Materiais.

Abstract

Teachers' Personal Archives provide an opportunity to understand teaching practices and the educational context at a given time and place. In this perspective, we aimed to research the collection of the historian and educator from Santa Catarina, Walter Fernando Piazza, especially the objects that make up his “honors”. For the construction of this work we used the specific literature on “Personal Files” and “Material Sources”. As a result, we were able to quantify the “document types”; the origins of the objects, that is, if they come from the academic, political, military or religious scope; and finally, the periods in which the holder received more and less honors.

Keywords: Personal Files; Walter Fernando Piazza; Honors; Material Sources.

À guisa de introdução

Esta pesquisa versa sobre o Arquivo Pessoal do historiador catarinense Walter Fernando Piazza. A pretensão principal deste trabalho foi investigar a composição das “honrarias” do titular, ou seja, entender as suas origens e finalidades, períodos, tipos documentais e etc. Para isso, dividimos o trabalho em cinco seções:

A primeira seção intitulada “*Os Arquivos Pessoais: alguns comentários*” trata brevemente do surgimento e interesse de arquivistas e historiadores para essa forma de arquivo, a definição do que é um Arquivo Pessoal e alguns estudos relacionados a arquivos pessoais de professores.

¹ Artigo desenvolvido para a disciplina de Arquivos Pessoais do curso de Arquivologia (UFSC), no segundo semestre de 2021.

² Graduando em História pela Universidade Federal de Santa Catarina.

No segundo momento, em “*Biografia, trajetória e composição do arquivo pessoal de Walter Fernando Piazza*” trouxemos alguns dados relevantes a respeito da trajetória do titular, como professor, historiador, folclorista e arqueólogo. Posteriormente, neste mesmo tópico, abordamos o contexto de doação do seu arquivo pessoal, o motivo, o local onde repousa seus documentos, e o inventário de seu acervo realizado por suas filhas.

Em “*Troféus, medalhas e crachás: as fontes materiais e o trabalho do historiador*” nos dedicamos a escrever sobre a importância das fontes materiais para a pesquisa histórica. Nesta seção apresentamos a metodologia utilizada em nosso trabalho, e descrevemos passo a passo da pesquisa.

No quarto tópico, “*Mapeando a trajetória do historiador catarinense: resultados preliminares*” colocamos, através de três quadros, os resultados obtidos na pesquisa. Nossa intenção, neste primeiro momento, foi apenas comentar os resultados preliminares da investigação realizada.

Por último, em “*Considerações Finais*” retomamos a importância dos Arquivos Pessoais para o estudo dos diferentes momentos da educação em Santa Catarina, especialmente aqueles relacionados aos estudos históricos, área que o titular do arquivo mais se dedicou ao longo de sua vida acadêmica.

Os Arquivos Pessoais: alguns comentários

No passado, especialmente no século XIX e início do século XX, os historiadores entendidos como positivistas tinham menos “matérias primas” para desenvolver os seus trabalhos sobre História. Para eles, um documento só poderia ser considerado como fonte histórica se atendesse a alguns pré-requisitos. Necessariamente, ele precisaria ser escrito, proveniente de algum órgão público e que tratasse de algum “grande vulto da sociedade”, como militares, políticos, nobres e religiosos.

A partir da “Escola dos Annales”, e posteriormente com a chamada “Nova História”, houve uma vasta ampliação dos documentos utilizados pelos historiadores. Do mesmo modo, e com isso não queremos mostrar uma relação de dependência, mas de reciprocidade entre os dois campos, os arquivos também passaram a terem acervos documentais mais diversificados, sejam pelos fundos, sejam pelos tipos documentais.

No entanto, como escreveu Gomes (1998, p. 122) é na década de 1970 que os historiadores, especialmente aqueles ligados à História Cultural, com novas abordagens teórico-metodológicas, “descobrem” os arquivos privados. Gomes (1998, p. 123) entende

como “História Cultural”: a história social das ideias, a história da cultura (de referencial antropológico), e também a história de intelectuais.³

Dentro desse contexto de valorização do sujeito na História pelas novas abordagens e do alargamento das fontes históricas, emerge o interesse dos historiadores pelos chamados “Arquivos Pessoais”. Artières (1998, p. 31) lembra que “[...] arquivar a própria vida não é privilégio de homens ilustres (de escritores ou de governantes). Todo indivíduo, em algum momento da sua existência, por uma razão qualquer, se entrega a esse exercício.”

Entendemos que as definições conceituais de arquivos pessoais são muitas, mas sem adentrar nesse emaranhado, tomamos por conceito a compreensão de Belloto (2004).⁴ Resumidamente, para ela, o arquivo pessoal é o agrupamento de documentos acumulados ao longo da vida de um sujeito. Ou, nas palavras da própria autora:

[...] o conjunto de papéis e material audiovisual ou iconográfico resultante da vida e da obra/atividade de estadistas, políticos, administradores, líderes de categorias profissionais, cientistas, escritores, artistas e etc. Enfim, pessoas cuja maneira de pensar, agir, atuar e viver possa ter algum interesse para as pesquisas nas respectivas áreas onde desenvolveram suas atividades; ou ainda, pessoas detentoras de informações inéditas em seus documentos que se divulgadas na comunidade científica e na sociedade civil, trarão fatos novos para as ciências, a arte e a sociedade (BELLOTO, 2004, p. 266).

Mas afinal, por que arquivar? Sobre essa pergunta, Artières (1998, p. 10) nos dá uma resposta muito evidente. Arquivamos as nossas vidas “Para responder a uma injunção social.” Sempre, ao longo da vida, faz-se necessário apresentar papéis, inclusive para se inserir socialmente, aponta Artières (1998, p. 13). Sem documentos, por exemplo, não temos acesso aos direitos sociais. Por isso, “[...] é preciso apresentarmos arquivos: uma conta de luz, de telefone, um comprovante de identidade bancária. Sem esses documentos, somos imediatamente excluídos.” (ARTIÈRES, 1998, p. 13).

O arquivamento de si, entretanto, não acontece somente por força de lei ou norma social. Há outros sentidos no acúmulo de documentos pessoais. De acordo com Cunha (2017, p. 191) ao arquivar a sua vida o titular tenta imortalizar uma época e produzir impressões a respeito de si. De maneira alguma o arquivamento do eu acontece de maneira “neutra”. Vianna, Lisovsky e Sá (1986, p. 67), discorrem que o titular do arquivo pode utilizar vários critérios para constituir a sua coleção além do pragmatismo administrativo ou político, tais como: precaução, vingança, orgulho e senso histórico.

³ Quiçá, a nosso ver, poderiam ser incluídos outros campos da historiografia, como a “Nova História Política”, a “Micro-história” e a “História Social”.

⁴ Outros conceitos e autores poderiam ter sido utilizados, porém percebemos o uso corrente do conceito desenvolvido por Belloto entre os pesquisadores de Arquivos Pessoais.

A esse mecanismo do arquivamento do eu, Artières (1998) intitulou de “intenção autobiográfica”. Artières (1998, p. 31) defende que o arquivamento de si é uma forma de reunir peças necessárias para contrapor a concepção que os outros têm de nós. E ele vai além, argumenta que “[...] arquivar a própria vida é definitivamente uma maneira de publicar a própria vida, é escrever o livro da própria vida que sobreviverá ao tempo e à morte” (ARTIÈRES, 1998, p. 32).

No Brasil, nos últimos anos, alguns arquivos e centros de documentação têm recebido, com a finalidade de salvaguardar a memória docente, acervos pessoais de trabalhadores da educação, especialmente professores do magistério superior das mais variadas universidades do país.⁵ O objetivo desses “lugares de memória”, valendo-se dessa categoria estudada por Nora (1993), é garantir a preservação dos acervos docentes e oportunizar a pesquisa para a comunidade acadêmica.

Os historiadores ao adentrar nas miudezas⁶ dos arquivos pessoais de docentes, através de suas pesquisas, realizam aquilo que Nóvoa (1994) há muitos anos defendeu: “[...] chegou o tempo de olhar com mais atenção para a internalidade do trabalho escolar [...], a organização do cotidiano escolar, as vidas e experiências dos alunos e dos professores [...]” (NÓVOA, 1994, p. 5).

Cunha (2017), por exemplo, no seu artigo “*O arquivo pessoal do professor catarinense Elpídio Barbosa (1909-1966): do traçado manual ao registro digital*” apresenta e interpreta o acervo deste docente, centrando sua análise na participação do professor Elpídio Barbosa na formulação de diretrizes educacionais em Santa Catarina.

Outro trabalho muito importante elaborado por Cunha e Almeida (2021) é o artigo “*Arquivos Pessoais no radar do Tempo Presente. Dimensões e possibilidades nos estudos acadêmicos*”. Nessa pesquisa, as autoras procuram discutir as condições de produção, conservação e utilização dos arquivos pessoais de dois professores universitários da região sul do Brasil, sendo eles: Balduino Andreolla e Walter Fernando Piazza.⁷

Em ambos os trabalhos houve a compreensão de que os arquivos pessoais carecem de precauções dos historiadores que os saboreiam. Por mais que eles pareçam próximos ao pesquisador, é necessário “[...] o crivo de um rigoroso tratamento teórico metodológico.” (GOMES, 1998, p. 126). Ela ainda aconselha aos historiadores que os encantos dos

⁵ Destacam-se, por exemplo: o Instituto de Estudos Brasileiro da USP, site: <https://www.ieb.usp.br/>; Centro de Documentação do GHEMAT-SP, site: <https://www.ghemat.com.br/centro-de-documentacao> e o Centro de Memória e Arquivo (CMA) da Faculdade de Ciências Médicas da UNICAMP, site: <https://www.fcm.unicamp.br/fcm/en/node/2611>.

⁶ Utilizamos a palavra miudeza no sentido de pequenos detalhes e não em ordem de importância.

⁷ O professor Walter Fernando Piazza também será estudado por nós.

documentos pessoais podem levar à ilusão da verdade e por isso não podemos cair nas “malhas do feitiço”.

Biografia, trajetória e composição do arquivo pessoal de Walter Fernando Piazza

Antes de apresentar o acervo, é preciso conhecer um pouco da biografia do seu titular. Walter Fernando Piazza era filho de Romeu Boiteux Piazza e Aracy Baptista Pereira Piazza. Nasceu em Nova Trento (SC) no dia 06 de novembro de 1925 e faleceu em Florianópolis (SC) na data de 09 de janeiro de 2016. cursou o primário no Rio de Janeiro (RJ), no Colégio Santa Cecília, Grupo Escolar Pereira Passos e Curso Victor. Já nos estudos secundários formou-se no Colégio Santo Antônio, em Blumenau (SC). Graduou-se em Geografia e História pela antiga Faculdade Catarinense de Filosofia, que mais tarde foi incorporada à Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Nessa mesma universidade, Walter Piazza foi docente desde 1960, onde desenvolveu pesquisas relacionadas à História, Geografia e cultura catarinense. (PIAZZA, 2018).

Trabalhou também como professor no Instituto Estadual de Educação, na FAPEVI (atual UNIVALI), na UDESC, na UNIVILLE e foi professor-visitante da Universidade dos Açores. Além de professor universitário, foi funcionário público, jornalista no “Diário da Tarde” e “A Gazeta”, folclorista e arqueólogo (PIAZZA, 2018). Possui inúmeros livros, capítulos de livros e artigos publicados no Brasil e no exterior, que servem como base para as novas gerações de historiadores e historiadoras interessados em pesquisar a história e historiografia catarinense.

O acervo pessoal do professor Walter F. Piazza está atualmente custodiado no Instituto de Documentação e Investigação em Ciências Humanas da Universidade do Estado de Santa Catarina, IDCH/UDESC. O Instituto está localizado em uma antiga casa de cor rosa e estilo luso-brasileira, na Rua Visconde de Ouro Preto, nº 457, no centro de Florianópolis (SC). A finalidade da instituição, conforme seu Regimento Interno é “[...] atuar na área da pesquisa, documentação, educação e da cultura agregando as pesquisas realizadas no âmbito da FAED⁸ na área de ciências humanas e [sociais] aplicadas [...]” (IDCH, 2016, p. 1).

Fazem parte do acervo da instituição, além da coleção do prof. Piazza, vários projetos e arquivos pessoais, tais como: o Espaço Eglê Malheiros e Salim Miguel, destinado à guarda do acervo pessoal do casal; a Coleção Elpídio Barbosa, com cerca de 170 documentos do arquivo pessoal desse educador catarinense; a Coleção Victor Márcio Konder, com livros e

⁸ Faculdade de Ciências Humanas e da Educação - UDESC.

revistas do titular; o Acervo Ditadura em Santa Catarina, composto por documentos históricos relacionados à ditadura militar em Santa Catarina; a Hemeroteca Digital Catarinense; o Arquivo digital de mapas catarinense; o Projeto Arquivo Marginais, que atua no Centro de Documentação e Pesquisa do Hospital Colônia Sant’Ana (CEDOPE/HCS) e na organização dos Prontuários da Penitenciária de Florianópolis; o Serviço Nacional de Informações - PR/SC, composto por documentos oriundos da Agência do Serviço Nacional de Informações; e por fim o projeto IDES: Mais de Dois Séculos de História, onde foram digitalizadas mais de 9 mil fotografias da Irmandade do Divino Espírito Santo de Florianópolis.

O IDCH não é somente uma instituição de guarda permanente de documentos antigos, ele é “[...] um lugar onde o passado é construído e produzido [...]” (ASSMANN, 2011, p. 25). Para Cunha (2017) o IDCH pode ser visto como:

[...] um patrimônio documental, por ser portador de testemunhos de outros tempos, mais do que uma mera contribuição à escrita da história do tempo presente e da História da Educação, a divulgação e a sua utilização em estudos sobre a História da Educação em Santa Catarina se reveste de importância por ser uma forma de pedagogia indispensável a formação das gerações futuras (CUNHA, 2017, p. 193).

Em 2016, ano da morte do professor Piazza, a sua família doou ao IDCH o seu importante acervo pessoal. Ao todo, de acordo com Cunha e Almeida (2021, p. 6), compõe o arquivo do professor cerca de 5000 itens, de diferentes tipos documentais, como: livros, cartas, portarias, medalhas, diplomas, revistas, fotografias, mapas e etc.⁹

No entanto, o demorado trabalho de inventariação iniciou apenas em 2017 e foi realizado por: Alba-Lúcia Fontes Piazza, Maria de Fátima Fontes Piazza, Cristina Maria da Silveira Piazza, filhas do titular; Camila Vargas Barreto e Iraci Borszcz, sob a coordenação da Prof^a. Dr^a. Fernanda Sales, diretora da instituição.

Ao verificar o acervo do titular encontram-se documentos desde a década de 1940 e que já possuíam alguma forma de organização em caixas realizadas pelo próprio professor. Artières (1998, p. 10) escreve que, ao arquivar nossas vidas, “[...] arrumamos, desarrumamos, reclassificamos. Por meio dessas práticas minúsculas, construímos uma imagem, para nós mesmos e às vezes para os outros.”. Walter Piazza não foi o único a organizar seu acervo pessoal. Fraiz (1998) estudou o arquivo do político Gustavo Capanema em seu mestrado e verificou que o ex-ministro da educação também havia tentado organizar seu próprio acervo.

⁹ A coleção de Walter Fernando Piazza se encontra inventariada e digitalizada no site: <https://www.udesc.br/faed/idch/cole%C3%A7%C3%B5es/piazza>.

Outro assunto que perpassa aos acervos pessoais é o descarte de documentos. A prática de descartar é muito comum na formação de um arquivo pessoal pelo próprio titular e também por sua família. Heymann (1997, p. 45) aponta que após a morte daquele que gerou o arquivo “[...] ocorre a interferência de familiares, que geralmente reduzem o universo acumulado segundo uma avaliação baseada em novas diretrizes e interesses.”.

Os documentos do arquivo pessoal do historiador neotrentino não foram reorganizados por suas filhas, apenas foram inventariados em seis grandes “séries documentais”, como chamaram Piazza *et al.* (2018), sendo elas: a) Produção Pessoal (Autoria, coautoria, organização e participações);¹⁰ b) Livros, folhetos, separatas e monografias;¹¹ c) Revistas;¹² d) Documentos (Correspondência, fotografias, mapas, relatórios entre outros);¹³ e) Honrarias (troféus, medalhas, broches, placas entre outros);¹⁴ f) Certificados, diplomas e portarias.¹⁵

O Manual de Organização de Arquivos Pessoais da Fundação Oswaldo Cruz (2015) alerta ao arquivista ou documentalista responsável pela análise dos documentos de qualquer arquivo pessoal o seguinte:

A existência de uma ordem original na organização dos documentos é outro aspecto a verificar na etapa de identificação. Caso exista, a lógica ou lógicas de arquivamento devem ser objeto de análise, para que se decida sobre sua manutenção ao compor-se o quadro de arranjo do arquivo. Pesam nessa decisão, sobretudo, o que essa organização expressa acerca do produtor e do processo de constituição de seu arquivo, bem como sua pertinência para o uso do acervo como fonte de pesquisa (FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ, 2015, p. 24).

Manter ou não manter a organização original? Eis a questão! No caso do professor Piazza, tanto a família, quanto a instituição que recebeu o seu arquivo optaram por respeitar as escolhas do titular. Na dúvida de como proceder, o arquivista/documentalista deverá ao menos deixar registrada como se encontrava distribuído ou organizado os documentos do titular. Dessa forma, os futuros pesquisadores poderão compreender a organização original do arquivo. E, obviamente, as escolhas de arquivar, como organizar e o que organizar (pois Walter Piazza não necessariamente organizou todo o acervo) podem dizer muito sobre ele.

¹⁰ Ver em: https://www.udesc.br/arquivos/faed/id_cpmenu/1006/WFPobras_15637966216484_1006.pdf.

¹¹ Ver https://www.udesc.br/arquivos/faed/id_cpmenu/1006/wfplivros_e_folhetos_15637966614502_1006.pdf. em:

¹² Ver em: https://www.udesc.br/arquivos/faed/id_cpmenu/1006/Wfp_revistas_156379667634_1006.pdf.

¹³ Ver https://www.udesc.br/arquivos/faed/id_cpmenu/1006/wfp_documentos_nova_ordem_15659638700839_1006.pdf. em:

¹⁴ Ver https://www.udesc.br/arquivos/faed/id_cpmenu/1006/WFP_medalhas_trofeus_ETC_15637967061537_1006.pdf. em:

¹⁵ Ver em: https://www.udesc.br/arquivos/faed/id_cpmenu/1006/wfpcertificados_15637966896702_1006.pdf.

Sobre como o titular enxergava os seus documentos, quais eram dignos de serem organizados, quais não mereciam a sua organização. Em resumo, não há neutralidade em nenhuma etapa do “arquivar a própria vida”.

Troféus, medalhas e crachás: as fontes materiais e o trabalho do historiador

As fontes históricas nem sempre foram vistas da mesma maneira. O entendimento daquilo que se tem por documento histórico variou ao longo do tempo e espaço. Hoje, no geral, temos uma compreensão mais ampla da “matéria prima” dos historiadores. Conforme Karnal e Tatsch (2009, p. 24) “Em síntese, documento histórico é qualquer fonte do passado, conservado por acidente ou deliberadamente, analisado a partir do presente e estabelecendo diálogos entre a subjetividade atual e a subjetividade pretérita.”

Uma carta para a mulher amada, uma entrevista com a pessoa mais velha do bairro, ou uma notícia estampando a capa do jornal da cidade podem ser consideradas fontes históricas, desde que sejam objeto de pesquisa de algum historiador. Essas, como de maneira iluminada apresenta Barros (2020), são tidas por “fontes de conteúdo”.

Diferente das “fontes de conteúdo”, os talheres da família real brasileira do século XIX, um charuto cubano e um artefato cerâmico indígena de 2000 anos atrás fazem parte das chamadas “fontes materiais”. As “fontes materiais”, segundo Barros (2020):

[...] devem ser compreendidas como aquelas que são o próprio suporte (os objetos de cultura material), ou que se valem muito demarcadamente de suportes específicos para transmitir mensagens e conteúdos em diferentes tipos de linguagens, em distintos níveis simbólicos, e integrando variadas funções. As ‘inscrições’, por exemplo, apresentam uma mensagem escrita que se mostra inseparável do seu objeto, e um grafite certamente não faz sentido fora do muro que se tornou seu corpo (BARROS, 2020, p. 19).

Rede (1996, p. 276) orienta aos historiadores sobre duas implicações ao tomar documentos da cultura material como fontes históricas. A primeira está ligada a sua própria materialidade “[...] os objetos perpassam contextos culturais diversos e sucessivos, sofrendo reinserções que alteram sua biografia e fazem deles uma rica fonte de informação sobre a dinâmica da sociedade [...]”. O segundo ponto trata da percepção de que a trajetória do objeto não se deve limitar a sua vida enquanto tal. Ela deve ir além daquele momento em que o objeto se transforma em documento, adquire novos usos e sentidos, convertendo-se em uma fonte de informação.

A família, ao inventariar o rico acervo pessoal do historiador Piazza, redigiu um catálogo intitulado “Honrarias (troféus, medalhas, broches, placas entre outros)” (PIAZZA *et*

al., 2018). Nesse *PDF*, que se encontra disponível na internet, como o próprio nome sugere, está a lista de objetos relacionados a condecorações recebidas pelo docente ao longo da sua vida.¹⁶ A tabela é composta por duas colunas, a primeira possui as pequenas fotos dos objetos inventariados e a segunda coluna, de maneira muito breve, consta a descrição de cada um.

Levando-se em conta as especificidades das “fontes materiais”, nosso trabalho tomou muito cuidado ao garimpar o arquivo pessoal do professor Piazza. Não foi nossa intenção investigar a composição física e química dos objetos, mas sim o que é o suporte (ex.: medalha, troféu, flâmula e etc.). Desse modo, realizamos as seguintes etapas para o desenvolvimento deste trabalho:

Primeiro, a partir do catálogo, criamos uma planilha para tabular os dados relativos aos objetos da coleção pessoal do titular. Segundo, dividimos essa planilha em colunas, sendo elas: a) A honraria (tipo documental: ex.: medalha, troféu, broche e etc.); b) O nome do evento ou momento da ocasião em que recebeu; c) A instituição ou pessoa que concedeu a honraria; d) A data do acontecimento; e) O local; f) A descrição do objeto (aquela feita pela família); g) A finalidade/origem da condecoração.

Terceiro, com esses dados já tabulados trouxemos alguns comentários a respeito dos resultados obtidos. É importante deixar claro que são discussões ainda preliminares, ou seja, necessitam de melhor amadurecimento.

Mapeando a trajetória do historiador catarinense: resultados preliminares

“Estudar a constituição pessoal de arquivos de vida é [...] “exumar” as formas sub-reptícias que assume a criatividade dispersa, tática e manipuladora dos grupos ou dos indivíduos [...]” (ARTIÈRES, 1998, p. 10). “Exumar” o arquivo pessoal de Walter Piazza, como sugere Atières (1998), não foi uma tarefa fácil. A dificuldade não se encontrou no local onde estão salvaguardados seus documentos para a posterioridade, mas nos desafios em tabular os objetos de seu acervo. Procuramos, nesse sentido, classificá-los de maneira mais fidedigna o possível.

Encontramos no catálogo de honrarias pelo menos 15 “tipos” de objetos, sendo eles: medalhas, broches, placas, comendas, bottons, prendedores de gravatas, troféus, lembranças, diplomas, fotogravuras, flâmulas, carimbos, porta retratos, crachás e carteiras de identificação. Nem todos os documentos que constam no catálogo se enquadram perfeitamente como “honrarias”, ou seja, com a intenção de reconhecer o trabalho do

¹⁶ A lista de honrarias recebidas pelo Professor Walter Fernando Piazza encontra-se neste link: https://www.udesc.br/arquivos/faed/id_cpmenu/1006/WFP_medalhas_trofeus_ETC_15637967061537_1006.pdf

professor. Existem fotogravuras, por exemplo, que retratam Walter F. Piazza para a reprodução da sua imagem na imprensa, quando esse fora jornalista; ou carimbos, que provavelmente estavam ligados ao seu trabalho como professor. Contudo, esses itens pouco interferem na porcentagem da composição do seu acervo. Por isso, os objetos citados anteriormente, e com menos de três peças, agrupamos como “outros”.

Quadro 1: Composição das “honrarias” do arquivo de WFP.

Tipo documental	Quantidade	(%)
Medalhas	24	21,2
Comendas	3	2,7
Placas	4	3,5
Broches	14	12,4
Bottons	5	4,4
Troféus	14	12,4
Diplomas	3	2,7
Flâmulas	4	3,5
Crachás	25	22,1
Carteiras de identificação	9	8,0
Outros	8	7,1
Total	113	100

Fonte: Com base em Piazza *et al.* (2018).

Nesse primeiro levantamento percebemos que as medalhas e os crachás, sozinhos, chegam a quase metade dos objetos catalogados nas “honrarias”. Tanto os crachás quanto as

medalhas, em sua maioria, provêm de eventos acadêmicos. Somente da “Reunião Anual da SBPH”¹⁷ existem crachás de cinco edições.

Piazza fez parte de uma geração de historiadores profissionais em Santa Catarina. Wolff (2009) classifica a produção historiográfica de Piazza como “tradicional”, pois seus escritos davam ênfase aos fatos políticos e militares, além de existir uma preocupação com os nomes ilustres e cronologias históricas de Santa Catarina (WOLFF, 2009). O fato de ele ter recebido tantas medalhas está intimamente ligado a sua participação em eventos e sua produção científica. Mas não somente, pois como escreveu Barros (2020, p. 20): “As medalhas servem para separar os homens uns dos outros, e agrupar alguns por oposição a outros, terminando por hierarquizá-los.”

De medalha de prata com a inscrição “Amigo da Marinha” ao broche do “36º Congresso Eucarístico”. O acervo do educador possui documentos que têm origem em diferentes momentos da sua vida e foram entregues por diferentes instituições. Dessa maneira, separamos os objetos em quatro categorias distintas que chamamos de “origem”, sendo elas: militares, políticas, acadêmicas e religiosas.

A primeira, como o próprio nome sugere, diz respeito aos objetos provenientes de órgãos das forças armadas, como o broche de “Amigo da Marinha” supracitado. A segunda abarca as honrarias recebidas por instituições do executivo e legislativo, tal qual a “Medalha Francisco Dias Velho” entregue pela Câmara de Florianópolis e também por aquelas relacionadas ao momento em que Piazza ocupou uma cadeira no Conselho Estadual de Educação de Santa Catarina.

A terceira se refere aos itens recebidos ao longo da sua vida por conta do seu trabalho como professor universitário; associado de Institutos Históricos, Geográficos e Genealógicos, brasileiros e estrangeiros; e bem como por sua participação em eventos científicos como pesquisador. Por último, estão os objetos ganhados por conta de eventos ligados à religião, tal como o crachá do “III Seminário de Evangelização da América Latina” realizado na Pontifícia Universidade Católica do Paraná, em 1990.

Quadro 2: Origem das honrarias.

Origem	Quantidade	(%)
Acadêmico	75	66,4

¹⁷ Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica.

Político	22	19,5
Militar	4	3,5
Religioso	4	3,5
Sem informação	8	7,1
Total	113	100

Fonte: Com base em Piazza *et al.* (2018).

Imaginávamos que os objetos, em sua maioria, proviessem do ambiente acadêmico (66,4%). Como vimos em sua biografia, Walter Piazza passou por várias instituições de ensino superior ao longo do eixo Joinville-Florianópolis, como a UNIVILLE, UNIVALI, UDESC e UFSC. No entanto, nos surpreendeu a quantidade de honrarias recebidas por motivos políticos (19,5%), tanto de órgãos do executivo e legislativo, quanto de universidades em razão da sua atuação como conselheiro estadual de educação.

Conseguimos, através do catálogo, obter as diferentes temporalidades dos objetos que fazem parte do acervo pessoal do professor catarinense, como no quadro 3.

Quadro 3: Datas dos objetos.

Década	Quantidade	(%)
1940-1949	2	1,8
1950-1959	4	3,6
1960-1969	4	3,6
1970-1979	2	1,8
1980-1989	6	5,4
1990-1999	22	19,6
2000-2009	5	4,5
2010-2019	4	3,6
Sem data	63	56,3

Total	113	100
--------------	------------	------------

Fonte: Com base em Piazza *et al.* (2018).

Um problema percebido por nós ao datar os objetos foi a falta de informações mais precisas. Constatamos que mais da metade das “honorarias” não apresenta a data do evento em que o titular recebeu tal objeto. Entre os que conseguimos datar, sejam aqueles que traziam em seu suporte a data ou os que informavam o nome e a edição do evento (congresso, seminário, simpósio e etc.), notamos que a maioria dos objetos é da década de 1990, exatamente 19,6% do total. Nesse período o professor Piazza já se encontrava aposentado da UFSC, talvez por isso tivesse mais tempo para participar em diferentes eventos pelo Brasil e exterior. Não podemos esquecer que nessa mesma década, como apontado anteriormente, o historiador ocupou a cadeira no Conselho Estadual de Educação e recebeu várias honorarias de instituições políticas. Todavia, isso ainda precisa ser estudado mais a fundo, levando-se em conta outros aspectos da sua biografia.

Com menores porcentagens, 1,8% cada, tanto a década de 1940, quanto a de 1970 foram as que Piazza recebeu menos honorarias. Esses dois períodos, mesmo com menor porcentagem de “honorarias”, são de salutar importância para a historiografia catarinense. Na década de 1940 foi sediado em Florianópolis, sob o âmbito do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, o 1º Congresso de História Catarinense. O congresso tinha por finalidade comemorar o bicentenário da imigração açoriana em Santa Catarina, e consequentemente criar aquilo que Flores (1997) chamou de “açorianidade”. O segundo, ocorrido na década de 1970, foi marcado pela criação do Programa de Pós-Graduação em História da UFSC. Em ambos os momentos históricos o titular do arquivo participou. No primeiro de maneira mais distante, já no segundo de modo muito mais atuante, visto que ele foi o primeiro coordenador do programa que formou uma nova geração de historiadores em Santa Catarina (e que existe até os dias de hoje).

Considerações finais

Os arquivos pessoais de professores oferecem a possibilidade para os pesquisadores de compreender a vida e cultura escolar em determinada época e lugar. Além de oportunizar a investigação da subjetividade desses docentes, como eles se veem a partir dos seus arquivos e de que forma eles querem ter suas identidades reconhecidas. Artières (1998) nos lembra que arquivar a própria vida é escrever a sua história. E isso, Walter Fernando Piazza fez muito

bem, pois ao longo das décadas acumulou expressiva quantidade de documentos, formando um acervo pessoal de aproximadamente 5000 itens.

Mergulhar no arquivo pessoal do professor Piazza foi uma tarefa prazerosa para nós. Através dos seus documentos visualizamos o passado daquele que é um dos historiadores mais conhecidos pela comunidade acadêmica. Todavia, temos sempre em mente que o passado que visualizamos é forjado pelo seu autor quando ele escolheu o que preservar e o que apagar da sua história.

Através da nossa investigação, embora se trate de dados ainda preliminares e carecendo de análises teóricas mais elaboradas, constatamos que no catálogo de “honrarias”, por exemplo, existem quinze tipologias documentais diferentes. Conseguimos verificar os períodos no qual o historiador neotrentino recebeu mais ou menos honrarias e a origem delas, ou seja, se provenientes do âmbito acadêmico, político, religioso ou militar. Não nos esqueçamos de que o titular do acervo era uma pessoa multifacetada, com atuações diversas no campo da educação, história e cultura.

Por fim, reafirmamos a relevância do acervo pessoal estudado para compreender diferentes momentos da educação em Santa Catarina, principalmente a pesquisa e o ensino de História. Todos aqueles que desejam investigar as gerações pretéritas de historiadores catarinenses, sem dúvidas, devem em algum momento passar pelo encantador arquivo pessoal de Walter Piazza.

Fontes

PIAZZA, Alba-Lucia Fontes *et al.* Honrarias (troféus, medalhas, broches, placas entre outros). 2018. Disponível em: [https://www.udesc.br/arquivos/faed/id_cpmenu/1006/WFP_medalhas_trofeus_ETC_15637967061537_1006.p df](https://www.udesc.br/arquivos/faed/id_cpmenu/1006/WFP_medalhas_trofeus_ETC_15637967061537_1006.pdf). Acesso em: 02/12/2021.

Referências

ARTIÉRES, Philippe. Arquivar a própria vida. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, v. 11, n. 21, p. 9-34, 1998.

ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação**: formas e transformações da memória cultural. Campinas: Unicamp, 2011.

BARROS, José D’Assunção. Fontes Históricas: uma introdução à sua definição, à sua função no trabalho do historiador, e à sua variedade de tipos. **Cadernos do Tempo Presente**. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, v. 11, n. 02, dez., p. 03-26, 2020.

BELLOTO, Heloisa Liberalli. **Arquivos permanentes**: tratamento documental. 2. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2004.

CUNHA, Maria Teresa Santos; ALMEIDA, Dóris Bittencourt. Arquivos Pessoais no radar do Tempo Presente. Dimensões e possibilidades nos estudos acadêmicos. **Cadernos de História da Educação**. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, v. 20, p. 1-20, 2021.

CUNHA, Maria Teresa Santos. O Arquivo Pessoal do Professor Catarinense Elpídio Barbosa (1909-1966): do traçado manual ao registro digital. **História da Educação**. Santa Maria: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, v. 21, n. 51, p. 187-206, abr. 2017.

INSTITUTO DE DOCUMENTAÇÃO E INVESTIGAÇÃO EM CIÊNCIAS HUMANAS. **Regimento Interno**. Florianópolis: Udesc, 2016. 3 p.

FRAIZ, Priscila. A dimensão autobiográfica dos arquivos pessoais: o arquivo de Gustavo Capanema. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, v. 11, n. 21, p. 59-87, 1998.

FLORES, Maria Bernardete Ramos. A Autoridade do Passado. In: FLORES, Maria Bernardete Ramos. **A farra do boi**: Palavras, sentidos, ficções. Florianópolis: UFSC, 1997. p. 113-141.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. **Manual de Organização de Arquivos Pessoais**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2015. 84 p.

GOMES, Angela de Castro. Nas Malhas do Feitiço: o Historiador e os Encantos dos Arquivos Privados. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, v. 11, n. 21, p. 121-127, 1998.

HEYMANN, Luciana Quillet. Indivíduo, Memória e Resíduo Histórico: Uma Reflexão sobre Arquivos Pessoais e o Caso Filinto Muller. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, n. 19, p. 41-66, 1997.

KARNAL, Leandro; TATSCH, Flavia Galli. A memória evanescente. In: PINSKI, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de (orgs.). **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2009, p. 9-27.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, v. 10, dez., p. 7-28, 1993.

NÓVOA, Antonio. **História da Educação**. Lisboa: Universidade de Lisboa, 1994.

PIAZZA, Maria de Fátima Fontes. Biografia de Walter Fernando Piazza. 2018. Disponível em:

https://www.udesc.br/arquivos/faed/id_cpmenu/1006/Biografia_Piazza_1563796515564_1006.pdf. Acesso em: 01/12/2021.

REDE, Marcelo. História a partir das coisas: tendências recentes nos estudos de cultura material. **Anais do Museu Paulista**. São Paulo: Universidade de São Paulo, v. 4, p. 265-282, 1996.

VIANNA, Aurélio; LISSOVSKY, Maurício; SÁ, Paulo Sérgio Moraes. A vontade de guardar: lógica da acumulação em arquivos privados. **Arquivo & Administração**. Rio de Janeiro: Associação dos Arquivistas Brasileiros, v. 10-14, n. 2, jul./dez., p. 62-76, 1986.

WOLFF, Cristina Scheibe. Historiografia catarinense: uma introdução ao debate. **Revista Santa Catarina em História**. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina v. 1, n. 1, p. 52-61, 2009.